

**RESENHA - ALFABETIZAÇÃO: DILEMAS DA PRÁTICA**  
de Sônia Kramer. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

Sahda Marta IDE \*

Este livro é uma contribuição ao estudo da alfabetização, bem como uma busca de estratégias que consigam torná-la realmente efetiva.

Os trabalhos aqui apresentados estão organizados em três partes: Polêmicas, Propostas e Duas Falas para Professores. Todos eles estão preocupados com a alfabetização, especialmente relativa às crianças de classes populares. Os artigos apresentam diferentes níveis de abordagem, porém todos eles procuram contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática. Para isto é necessário que a alfabetização realmente se efetue.

O primeiro artigo "Alfabetização: Dilemas da Prática" de Sonia Kramer, prof<sup>a</sup> da PUC do Rio de Janeiro, discute de forma bastante clara os aspectos primordiais que estão em jogo na prática da alfabetização, bem como na compreensão de seu sucesso ou fracasso.

A autora tem como objetivo solucionar problemas concretos, questionando dualidades como: alfabetização é um processo mecânico ou de construção?; qual método de alfabetização é o mais adequado: o novo ou o tradicional?; se no ensino da leitura e escrita, deve-se privilegiar os aspectos psicológicos, psicolinguísticos, sociolinguísticos ou linguísticos e de que maneira os fatores pedagógicos se relacionam a eles. Além de discorrer com grande precisão sobre estes problemas, dando-lhes uma resposta e uma posição bastante adequada, a autora discorre, também, e de forma muito crítica, sobre problemas pertinentes a estas questões, como a escolha da cartilha e sua utilização ou não; materiais pedagógicos; avaliação e desempenho; critérios de promoção e confrontos entre professores e especialistas.

O artigo seguinte, ainda dentro de Polêmicas: "Alfabetização e Pobreza" de Terezinha Carraher, professora da Universidade Federal de Pernambuco, aborda três faces da alfabetização, discutindo-as. São

---

\* Professora Assistente do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

elas: os processos psicológicos de sua realização; os problemas sociais relacionados à alfabetização e as condições culturais ligadas a seu uso e sua relevância.

É um estudo que visa principalmente a uma análise da situação brasileira, ou seja, nosso sistema de escrita, nossos problemas de ortografia, nossos sucessos e fracassos na alfabetização e nossas condições sociais e culturais.

Procura resumir o que sabemos hoje sobre a alfabetização de crianças de classe econômica menos favorecida e apresenta especulações sobre modos de influenciar os rumos que esta pode tomar no futuro. Durante todo o estudo, foram apresentadas críticas à prática atual da alfabetização, sem necessariamente reportar-se a todos os métodos de ensino e a todos os tipos de escola. Simultaneamente — e a partir desta crítica — a autora procurou construir sugestões para uma prática mais produtiva.

Na segunda parte do livro: *Propostas*, o 1º artigo “Alfabetização no Rio de Janeiro: hora de mudança?” de Any Dutra Coelho da Rocha, consultora do grupo de trabalho de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, relata a ação do Grupo-Tarefa de Alfabetização, vinculado à sub-Secretaria Municipal de Educação, que recebeu a incumbência de elaborar uma proposta para uma nova política de alfabetização no Município do Rio de Janeiro. O Grupo-Tarefa de Alfabetização considera a alfabetização um processo que se inicia intencionalmente ainda na pré-escola, sistematiza-se na classe de alfabetização e na 1ª série e se consolida nas primeiras séries do 1º grau.

Na primeira fase do seu trabalho, o Grupo-Tarefa de Alfabetização empenhou-se em recolher subsídios para o planejamento em visitas a 30 escolas, selecionadas por critérios de rendimento e localização. Sua proposta de planejamento se baseia em aspectos fundamentais, tais como: encarar a alfabetização sob um enfoque evolutivo, enfatizando na pré-alfabetização capacidades cognitivas e linguísticas e não apenas aspectos sensoriais-motrices e perceptuais; colocar-se sob uma nova postura frente a conceitos como “maturidade”, “prontidão”, alunos “carentes” e procurar captar significados e práticas culturais dos diferentes grupos de alunos com quem trabalha, utilizando criticamente e distinguindo metodologias de alfabetização, compreendendo sua fundamentação teórica. Esta proposta, portanto, pretende atingir o problema concreto da prática do dia-a-dia da escola, a fim de fornecer subsídios não só para os que planejam e implementam a política educacional, como para os que atuam diretamente na sala de aula ou estão a ela ligados.

O 2º artigo, ainda em *Propostas*: “Minas Gerais e sua atual política de alfabetização” de José Boaventura Teixeira, Diretor do Ensino

de 1º grau da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, narra a proposta de alfabetização, efetuada a partir do Congresso Mineiro de Educação, onde foram explicitadas as prioridades políticas educacionais e dentre elas a alfabetização. A partir daí a Secretaria, em 1984, passou a elaborar algumas diretrizes sobre a política de alfabetização e a produzir uma estratégia que interferisse no processo para alterá-la, buscando sua melhoria.

A Secretaria propõe como estratégia o Ciclo Básico, enquanto processo contínuo de aprendizagem, garantindo às crianças chegarem a um ponto mínimo e suficiente para darem conta de acompanhar as séries seguintes. Isto significa estarem lendo e escrevendo bem e terem sido iniciadas em conteúdos de matemática, ciências e estudos sociais.

Finalizando o tópico Propostas, encontramos o artigo: "A busca de novas alternativas para a Prática da Alfabetização" de Ana Maria Falsarella, do Departamento de Planejamento e Orientação/Secretaria de Educação do Município de São Paulo, preocupada com os altos índices de evasão e repetência escolar e do empobrecimento de conteúdo. Ela relata uma experiência que dá atenção especial às séries iniciais, 1ª e 2ª, mostrando que a evasão e a repetência não ocorrem apenas devido à pobreza e desnutrição, havendo, também, um espaço de atuação da escola no que tange especificamente o pedagógico, mostrando certa autonomia de interferência no destino da clientela, de cuja responsabilidade a escola não pode se furtar. Relata a trajetória percorrida pelas equipes, na busca dos caminhos para solução dos problemas de alfabetização, através de três frentes de trabalho: Pensamento e Linguagem; Apoio Técnico às classes de 2ª série em desdobramento da alfabetização e Apoio Técnico às classes de 1ª série com dificuldades de aprendizagem.

Na 3ª parte do livro: *Duas Falas para Professores*, encontramos dois artigos: O 1º, "Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade" de Sonia Kramer e Miriam Abramovay, discute de forma bastante clara a importância da pré-escola para as classes populares e mostra não haver contradição entre necessidade e exigência na alfabetização na pré-escola, ao contrário, a necessidade é que provoca a exigência, uma vez que a pré-escola talvez seja uma das únicas oportunidades para que a criança de classe social econômica menos favorecida compreenda "o que é ler" e simultaneamente que ela confie na possibilidade de aprender a ler e escrever.

No 2º artigo "Conversando com os professores sobre uma prática de alfabetização a serviço das classes populares", Sonia Kramer faz uma reflexão sobre aspectos, importantes para o educador, na busca de respostas fundamentais às questões: "por que sou alfabetizador", "o que é alfabetizar" e "para que sou alfabetizador", uma vez que ela mesma diz "o fracasso da escola é o fracasso na alfabetização" e o sucesso da escola do povo consiste na garantia do acesso aos conhe-

cimentos, na garantia de uma efetiva aprendizagem, então, como primeiro passo, é necessário que a alfabetização aconteça.

Esta obra interessa ao educador de forma geral, uma vez que ela nos leva a refletir sobre a importância de que se reveste a escola pública tanto em qualidade como em um espaço capaz de assegurar a socialização dos conhecimentos para todos, aliada ao reconhecimento de que a escola hoje não consegue ainda desempenhar esse papel. Cabe destacar, ainda a própria importância do ensino da língua e da aquisição do código escrito, enquanto instrumentalização necessária principalmente às classes populares, cuja viabilidade concreta de adquirir esse conteúdo fora da escola é quase nula.

(Recebido em 06-05-88 e liberado para publicação em 05-07-88)